

Tradição e inovação: um desafio para a universidade do século XXI*

Tradition and innovation: a challenge for the University of the 21st century

EVILÁZIO TEIXEIRA**



RESUMO – O final do século XX se caracteriza por transformações rápidas e de grande profundidade, que impactam a vida social e trazem novas diretrizes que devem assumir a educação superior. Numa sociedade baseada na globalização e no conhecimento, a cooperação entre as universidades e o setor produtivo torna-se uma tarefa cada vez mais necessária. As Universidades se encontram com uma série de tensões e futuros possíveis. Existe uma combinação de forças e processos, provenientes de diversos âmbitos que estão impactando a dinâmica universitária.

Descritores – Universidade; globalização; técnica; tradição; inovação.

ABSTRACT – The end of the 20th century was characterized by quick and deep changes, impacting social life and bringing new guidelines for higher education. In a globalized and education based society cooperation between universities and the productive sector is an ever growing needed task. Universities find themselves under pressure with a variety of possible futures. There is a combination of forces and processes, coming from different sources that have been impacting the university dynamics.

Key words – University; globalization; technology; tradition; innovation.

INTRODUÇÃO

A educação superior no Ocidente foi desde o seu princípio produto e co-produtora de sua época. Uma espécie de território dos bons desejos e das boas intenções. A universidade nasce no seio da Igreja de forma quase espontânea. Seus primórdios, por exemplo, remontam a uma época em que a religião dominava todas as esferas das relações sociais. Com uma tradição milenar, como o próprio nome expressa, *universitas*, quer dar a entender a convergência de elementos à unidade, quer dizer, a reunião dos estudiosos, intelectuais do saber. No século XV, a universidade se transforma em centro de formação profissional a serviço do Estado, dando a esse também o múnus de ensinar. Durante os períodos entre os séculos XVIII e XIX, a educação era vista como um processo formador das elites de poder e dos funcionários dos Estados nacionais nascentes. A figura emblemática desse modelo é aquela de Napoleão, com uma concepção totalitária que implicava até mesmo a “domesticação das almas”. A partir

da metade do século XX atribui-se funções econômicas à educação com as conhecidas teorias do capital humano. A educação vem associada ao desenvolvimento social e econômico. Novas demandas são apresentadas pela sociedade para as Universidades: atuarem como agentes diretos do desenvolvimento econômico e social, além do técnico e científico.

Desde a década de 60 vislumbra-se uma expansão da demanda universitária, fortemente ligada às mudanças demográficas, culturais e políticas desse período, que por sua vez colocaram em xeque o caráter tradicional das universidades, modificando a sua fisionomia. O final do século XX se caracteriza por transformações rápidas e de grande profundidade, que impactam a vida social e trazem novas diretrizes, que devem assumir a educação superior. Numa sociedade que se caracteriza por ser mais aberta e competitiva, envolta em redes globais de comunicação e com uma acelerada expansão do conhecimento, avançando em direção a novas formas de trabalho, questiona-se o modelo tradicional e o papel da universidade,

* Palestra proferida, dia 29/05/08, na Reunião de Trabalho com as Unidades Acadêmicas e a Pró-Reitoria de Graduação da PUCRS.

** Doutor em Filosofia e em Teologia. Vice-reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, PoA/RS. E-mail: eteixeira@puccrs.br
Artigo recebido em: março/2008. Aprovado em: junho/2008.

inclusive, suas formas de operação, vigentes até bem pouco tempo.

Nos últimos anos, tem-se falado muito de *mundialização*. A expressão exerce fascínio ao mesmo tempo que gera repulsa. A realidade é que esse conceito provoca insegurança. Por ele, explicar-se-ia a queda da bolsa de valores nos Estados Unidos, da mesma forma que o desemprego no Brasil. De modo imediato e direto se reconhece, por essa expressão, que o mundo é cada vez mais um só, e que dele todos fazemos parte, querendo ou não.

Algumas posições defendem a tese do caos universal, enquanto outras, a mundialização como processo natural de auto-regulamentação para o necessário aumento da riqueza e a conseqüente sobrevivência da humanidade, dentro dos patamares de consumo já conquistados por uma parcela do planeta. O que se constata é a manifestação de uma nova configuração da economia mundial marcada pela passagem de um sistema regulado pelos Estados para um sistema regulado pelos mercados.

Numa época de globalização, em que da conectividade das nações resulta a brusca mudança de rumos, de políticas públicas e de cenários econômicos, faz-se indispensável entender o papel do desenvolvimento local, sempre realizado com as características de sustentabilidade, exigidas pela sociedade da informação e do conhecimento.

O início do século XXI trouxe consigo a reiteração de uma velha aspiração: a de que os complexos problemas econômicos, políticos e culturais das sociedades contemporâneas podem ser resolvidos através da educação e, de modo especial, pelas instituições de educação superior. Nesse cenário, vislumbra-se um crescimento significativo nas relações entre os diversos atores envolvidos no processo de produção e utilização do conhecimento científico, de modo especial entre empresas e universidades, o que refletirá na mudança profunda das relações entre Governo, Empresas e Academia.

Numa sociedade baseada na globalização e no conhecimento, a cooperação entre as universidades e o setor produtivo torna-se uma tarefa cada vez mais necessária. Se de um lado as relações entre a indústria e a universidade encontram defensores apaixonados e também críticos não menos ferrenhos, de outro lado, trata-se de um processo inexorável que tem raízes em transformações econômicas e sociais profundas que afetam e fogem ao controle de ambos os grupos. Experiências nacionais e internacionais bem sucedidas nesse campo demonstram que o diferencial de competitividade de diversas regiões baseia-se nessa aliança consistente entre o mundo gerador do conhecimento e o mundo da produção.

Frente a esses novos desafios, uma educação superior eficaz e coerente com as novas demandas sociais,

culturais e laborais implicará que as universidades cultivem definitivamente a sua vocação científica e humanista. Podemos caracterizar três processos, talvez os mais importantes, em nível mundial; a globalização, a revolução científico-tecnológica, e a redefinição do papel do Estado. Juntamente com esses três processos, podem-se agregar outros cinco processos fundamentais que estão transformando a educação superior:

- 1º A aplicação tecnológica à vida acadêmica, numa sociedade sustentada no conhecimento e no saber, o avanço de novas tecnologias propiciam as mudanças quantitativas e qualitativas no âmbito da educação superior. Novas investigações e recentes descobrimentos científicos ocupam o ciberespaço e unem laboratórios, professores, investigadores e estudantes. A rede global internet é utilizada amplamente em videoconferências e para consulta de livros e revistas eletrônicas, o que amplia enormemente a possibilidade de agilizar a busca de informação e dispor da mesma.
- 2º A mobilidade real e virtual de estudantes e professores, as tendências educativas no início do novo século se orientam em direção a uma crescente internacionalização do ensino superior e a preparação de futuros profissionais sem fronteiras. A tendência é a de se ampliar significativamente as possibilidades de cursar matérias, concluir carreiras ou realizar cursos especializados e pós-graduação em outras instituições universitárias nacionais ou estrangeiras.
- 3º Pelo imperativo de uma educação permanente, hoje, no momento histórico que estamos vivendo, a riqueza dos países se mede pela geração, acesso e avanço do conhecimento. O grande futuro das universidades consiste em apostar numa educação das pessoas ao longo de suas vidas. A formação permanente e integral consiste, portanto, no pilar central da inserção exitosa dos cidadãos na sociedade do conhecimento, que supõe um processo integral e contínuo de formação, sem limitações de idade.
- 4º A questão do mundo do trabalho – da empregabilidade, a educação superior deverá incorporar dinamicamente as rápidas transformações das bases científicas e os avanços tecnológicos, integrando no processo formativo as mais modernas práticas que vão incorporando o mundo laboral. Aqui se coloca o desafio para que formandos e egressos assumam a função de não apenas buscar trabalho, mas criar trabalho.
- 5º O novo papel de professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Quer dizer, o conhecimento tenderá a criar indivíduos autônomos, que saibam conviver em liberdade. Os professores

devem passar de uma concepção de “transmissores de conhecimento” para o de “condutores de alunos”, orientando o seu trabalho de modo a ser tutor e guia ao estudante. Ensinar, portanto, se converterá na arte de desenhar situações que suscitem o interesse e comprometam a atividade mental dos alunos.

As Universidades se encontram com uma série de tensões e futuros possíveis. Existe uma combinação de forças e processos, provenientes de diversos âmbitos que estão impactando a dinâmica universitária. Entre elas o complexo processo de globalização – que desde diversos ângulos, e não somente o econômico, ameaça e desafia os sistemas nacionais de educação superior, desencadeando um processo de mercantilização que afeta e distorce a maioria das instituições superiores, tanto em seus fins e propósitos como em sua oferta educativa e forma de operação.

Vivemos na idade da técnica, de cujos benefícios usufruímos em termos de bens e espaços de liberdade. Somos mais livres do que homens primitivos porque dispomos de mais campos de atuação. Na facilidade com que utilizamos os instrumentos e serviços que encurtam o espaço e o tempo, amenizam a dor.

A INFLUÊNCIA DA TÉCNICA E A REVISÃO DOS CENÁRIOS HISTÓRICOS

A razão não é mais a ordem mutável do cosmo que se refletia na mitologia, depois na filosofia e por fim na ciência, criando as respectivas “cosmologias”, mas se torna procedimento instrumental que garante o cálculo mais econômico entre os meios à disposição e os objetivos que se pretende alcançar.

A verdade não é mais a conformidade com a ordem do cosmo ou com Deus; se não existe mais um horizonte capaz de garantir o quadro eterno da ordem imutável, se a ordem do mundo não está mais no seu ser, mas depende do “fazer técnico”, a eficácia se torna explicitamente o único critério de verdade.

As ideologias, cuja força repousava na imutabilidade do seu corpo doutrinário, na idade da técnica, não resistem mais à dura redução de todas as idéias a simples *hipóteses de trabalho*.

A técnica pensa as próprias hipóteses como superáveis “em princípio”, e por isso não se extingue quando o seu núcleo teórico se revela ineficaz; não tendo ligado a sua verdade a esse núcleo, pode mudar e corrigir-se sem se desacreditar. Seus erros não a destroem, mas se convertem imediatamente em ocasiões de autocorreção.

A política hoje só decide condicionada pelo aparato econômico. A política se encontra numa situação de adaptação passiva, condicionada como está pelo desenvolvimento técnico que ela não pode controlar, e menos ainda orientar, mas só garantir.

A ética, como forma de agir em vista de fins, sente a sua impotência no mundo da técnica, regulado pelo fazer como pura produção de resultados. Isso significa que não é mais a ética que escolhe os fins e encarrega a técnica de encontrar os meios, mas é a técnica que, assumindo como fins os resultados dos seus procedimentos, condiciona a ética, obrigando-a a tomar posição sobre uma realidade, não mais natural e sim artificial. Uma vez que o “agir” está subordinado ao “fazer”, como é possível impedir, a quem é capaz de fazer, de não fazer o que pode?

A natureza, a relação homem-natureza foi regulada, por nós ocidentais, por duas visões de mundo: a grega, que concebe a natureza como morada dos homens e dos deuses, e a judaico-cristã, depois retomada pela ciência moderna, que a concebe como o campo de domínio do homem.

Mas hoje, quando a natureza mostra toda a sua vulnerabilidade por efeito da técnica, abre-se um cenário diante do qual as éticas tradicionais emudecem, porque não têm instrumentos para acolher a natureza no âmbito da responsabilidade humana.

A religião, a técnica substituindo a dimensão *escolástica* do tempo pela *projetual* – contida entre o passado recente, no qual encontra os meios disponíveis, e o futuro imediato, no qual esses meios encontram o seu uso – subtrai da religião, por efeito dessa contração do tempo, a possibilidade de ler no tempo um projeto.

A história, o caráter “a-finalista” da técnica, que não se move em vista de fins, mas só de resultados que nascem dos seus procedimentos, abole qualquer horizonte de sentido, determinando assim o fim da história como tempo dotado de sentido. Em relação à memória histórica, a memória da técnica sendo só procedimental, reduz o passado à insignificância do “superado” e concede ao futuro o mero significado de “aperfeiçoamento” dos processos.

O futuro parece estar ligado a três palavras-chave:

- > Relevância
- > Qualidade
- > Internacionalização

Diante de tudo isso, há duas verdades das quais não podemos fugir: primeira, que a única permanente no Universo é a mudança; segunda, que o futuro depende exclusivamente de nós!

O grande desafio que se apresenta na atualidade é demonstrar que temos capacidade de rapidamente nos adaptarmos a esse ambiente, por mais agressivo e inóspito que ele possa ser. A forma e a velocidade com que formos capazes de nos adaptarmos, hoje, a esse cenário, irão determinar em grande parte o destino da organização.

A posição central da criatividade e da inovação na sociedade do conhecimento gera um desafio que deve ser

enfrentado: como harmonizar uma cultura de inovação com uma visão de longo prazo sustentável, onde se faz necessário manter a qualidade e a tradição?

Assim emerge um novo papel para a universidade, expandindo seu foco tradicional na formação e capacitação (ensino e pesquisa), agregando à sua missão a atuação direta no processo de desenvolvimento econômico, cultural e social da sociedade. E, ao mesmo tempo, representa desafios na direção de gerar as condições para a análise crítica desse processo de criação de valor e suas conseqüências, tanto internas na própria Universidade, como externas, considerando suas conseqüências nos planos social, econômico e cultural.

OS DESAFIOS DA RENOVAÇÃO DA UNIVERSIDADE

As últimas décadas envolveram profundas mudanças nas Universidades que se abriram para as demandas da sociedade, ampliando suas interações com empresas, governo e instituições, criando ambientes de inovação e empresas nascentes. A nova missão voltada ao desenvolvimento econômico e social da sociedade foi acompanhada por uma série de controvérsias, em especial na própria Universidade.

Cinco elementos críticos do processo de mudança (CLARK, 2003):

- 1º Uma direção forte e clara do caminho a seguir: uma das maiores dificuldades para a mudança envolve estruturas gerenciais inadequadas e sem capacidade de conduzir as mudanças necessárias. Isso requer uma postura forte e clara da direção a seguir, que deve ser incorporada (aceita) tanto pela administração central como pelos diversos departamentos acadêmicos, buscando uma conciliação entre os novos valores gerenciais com os valores acadêmicos tradicionais;
- 2º Desenvolvimento periférico expandido: frente às novas demandas, as atuais estruturas não conseguem responder satisfatoriamente, gerando uma distância cada vez maior entre as demandas da sociedade e a capacidade de atendê-las. Neste sentido, deve ser estimulado o desenvolvimento de novas estruturas e mecanismos institucionais que permitam atender satisfatoriamente essas novas demandas (centros de pesquisa interdisciplinares, ambientes de inovação, etc.);
- 3º Diversificação das fontes de financiamento: ampliar as fontes de financiamento, quer seja para a sustentabilidade da pesquisa como para a própria sustentabilidade da Universidade;
- 4º Estimulação dos acadêmicos: o principal fator de mudança reside na aceitação do processo pelos departamentos da Universidade e todos os seus

colaboradores, que devem ser estimulados a se incorporar no processo de transformação;

- 5º Desenvolvimento de uma cultura empreendedora integrada: criar uma cultura integrada, representada por uma visão compartilhada, gerando uma perspectiva institucional.

O processo de inovação na universidade envolve uma série de etapas:

- organização da pesquisa na universidade: foco nas demandas da sociedade, criação de centros de pesquisa interdisciplinares, criação de mecanismos de desenvolvimento de pesquisa com múltiplas fontes de fomento (governo, empresas, instituições); qualidade e relevância;
- fomento à inovação: estimular áreas de pesquisas prioritárias, alocar os recursos de pesquisa de forma planejada, criar mecanismos de incentivo à inovação (políticas de proteção da propriedade intelectual do conhecimento gerado, regras para participação nos resultados econômicos futuros, etc.);
- proteção da propriedade intelectual: registrar e proteger efetivamente os conhecimentos gerados pelos acadêmicos na universidade;
- transferência da tecnologia: transferir os resultados obtidos para a sociedade, visando a geração de valor econômico, por meio de empresas que produzam os bens ou serviços decorrentes e de políticas que permitam também que os acadêmicos se transformem em empreendedores, gerando novas empresas e oportunidades.

Uma outra faceta desse novo modo de ser se apresenta – o empreendedorismo que, com amplo foco, considera-se o ato de identificar oportunidades e alavancar mudanças. Ou seja, o ato de empreender é um ato de transformação da ordem dominante.

É dessa união de conceitos que surge a universidade empreendedora, uma postura pró-ativa das instituições no sentido de transformar conhecimento gerado em agregação de valor econômico e social. Desta forma, a base para uma atuação bem-sucedida é o desempenho da capacidade de mudar adaptada às mudanças internas e externas de uma sociedade em evolução. Nesse sentido, o empreendedorismo requer um ambiente que estimule o espírito crítico, o que significa educar para a autonomia.

O conceito de universidade empreendedora e sustentável pode ser entendido em cinco dimensões, que buscam e mantêm a transformação ao longo do tempo:

- 1ª Núcleo central fortalecido, envolvendo uma administração coesa, focada em resultado e composta por especialistas e gestores qualificados e professores que constituem uma base institucional

comprometida e estável. O estilo de gestão é colegiado e descentralizado.

- 2ª Cultura empreendedora integrada, com capacidade de trabalhar em instâncias colegiadas, focada no aprimoramento acadêmico e na busca de novas oportunidades, desenvolvendo capacidades de ação multidisciplinar e valorizando o comportamento empreendedor.
- 3ª Desenvolvimento de unidades periféricas multi/inter/transdisciplinares, descentralizadas e auto-sustentáveis, focadas na articulação com a sociedade, envolvendo ações de forte conexão com a comunidade, tais como transferência de tecnologia, parque científico e tecnológico, agências de gestão e inovação tecnológica, institutos de pesquisa aplicada, ancoradas em modelos de gestão baseada na mudança de orientação e incentivando a criatividade e o empreendedorismo na comunidade acadêmica, distante, portanto, daquela rígida e burocrática.
- 4ª Núcleo acadêmico motivado e com perfil de assumir riscos, altamente pró-ativo e empreendedor, que assume a necessidade de atualização permanente e busca novas soluções para problemas que se apresentam mesmo num ambiente hostil.
- 5ª Base diversificada de financiamento, que envolve, além das mensalidades, recursos públicos, de agências de fomento, empresas e outras instituições da sociedade, bem como serviços, licenciamentos tecnológicos e contribuições.

A gestão de uma universidade empreendedora e sustentável envolve o desenvolvimento de processos que buscam fortalecer as cinco dimensões institucionais da transformação, construindo um estado constante de orientação para a mudança. Esse ambiente propício à mudança deve estar baseado nas capacidades de auto-adaptação e de adaptação a uma sociedade em constante transformação. Assim, urge uma universidade nova para novos tempos, e a universidade, ao longo de sua história, sempre mostrou grande capacidade de adaptação.

As mais diversas teorias que dão embasamento à formação de empreendedores no mundo moderno apreçoam que o fundamental é preparar pessoas para aprenderem a agir e a pensar por conta própria, com criatividade, espírito de liderança e visão de futuro.

As Universidades atuam em um contexto de complexidade e incerteza, onde são exigidas novas interfaces com a sociedade, visando capturar suas necessidades e demandas, bem como um novo papel no processo de desenvolvimento.

Esse balanço entre a tradição (representada por seus valores humanistas e princípios cristãos) e a renovação

(representada pelas novas demandas da sociedade e as exigências da modernidade, em termos de formação profissional) é o diferencial que as melhores Universidades do futuro estão construindo hoje. Esse balanço deve preservar nas Universidades sua capacidade de reflexão e de autocrítica, propiciando um contínuo alinhamento com as demandas da sociedade, sem a perda de seus valores e princípios.

A EDUCAÇÃO INTEGRAL

O grande desafio da pessoa humana implica educar levando-se em consideração as dimensões física, afetiva, cognitiva, comunitária, ético-valorativa e transcendental. Nesse sentido a educação vem entendida como um processo de humanização que modifique inteiramente o ser humano; uma educação que abraja o homem em todas as suas dimensões. Não somente a intelectual, mas também, o ético e a formação da personalidade. Não somente o indivíduo, fechado sobre si mesmo, mas a pessoa, que dentro de uma antropologia humanista é alguém aberto ao mundo, ao outro, a si mesmo e ao transcendente. Sob essa perspectiva, temos uma universidade voltada para a educação do espírito, para uma reflexão sobre o sujeito, o ser humano aberto à realidade e interpelado pela alteridade. Na universidade, a educação integral une o saber prático ao filosófico, buscando a excelência acadêmica através de uma reflexão crítica e atuação transformadora no campo social. Falamos de um saber engajado. Os pressupostos de uma Educação Integral estão alicerçados na existência de verdades universais, partem dos fundamentos de um humanismo social-cristão. Sendo assim, entram em confronto direto com o modelo de educação voltado para o desempenho e eficácia. Como contemplar num mesmo currículo, num curto espaço de tempo, conteúdos de uma formação humanística e uma avalanche de informações técnicas?

Questão mais complexa: enfrentamento do mercado com seu dinamismo exacerbado e globalizador de todas as realidades. Primeiramente, a mercantilização tornou a educação um produto, de tal forma que as instituições de ensino se tornaram empresas, seus administradores, comerciantes, os educadores, prestadores de serviço e os estudantes, consumidores-clientes.

Diante das exigências do mercado, a universidade não sabe exatamente que direção seguir: formar para a vida ou para o mercado? Ou será que a vida se tornou mercadoria? Esse é certamente um dos maiores desafios para uma universidade, que ao mesmo tempo quer primar pela excelência acadêmica e ser um espaço de relações humanas de qualidade. É a crise entre Missão e Mercado. Frente à lógica do Mercado que é redutora, competitiva, excludente, urge uma lógica humanista presente nas

origens da universidade, que seja humanamente holística, solidária e inclusiva.

O futuro das universidades dependerá da sua opção em não abandonar uma de suas missões substanciais, qual seja aquela de ser a arena onde se desenvolve culturalmente uma nação, incluindo na formação de sua juventude, valores e diretrizes éticas. A Universidade não pretende simplesmente a produção de profissionais, senão a formação integral de homens e mulheres que sejam capazes de desenvolver suas respectivas atividades profissionais dentro de parâmetros de autêntica excelência humana, pessoal e profissional.

Observa-se a urgência de uma nova orientação educativa e pedagógica capaz de dar alma à globalização, de modo especial, uma globalização de rosto mais humano. Alucinam-nos a técnica, a ciência, as grandes descobertas, as possibilidades espantosas de comunicação que a modernidade nos oferece. O homem do futuro estará embriagado pela técnica, porém, fragmentado se não for capaz de serenar, de olhar nos olhos, de sentar-se perante o espelho de si mesmo. Toda a técnica do mundo não poderá acalmar uma lágrima necessária, uma carência afetiva ou uma necessidade de sentido último do ambiente onde nascemos e morremos. Neste sentido, o futuro das universidades jogará na sua capacidade em dar a resposta adequada a uma sociedade heterogênea e exigente na formação de seus cidadãos que, por sua vez, reclamam um sistema universitário de qualidade, bem como o direito à igualdade de oportunidades.

A Conferência Mundial sobre o Ensino Superior, ocorrida em 1998 (Paris), recorda que a missão das

instituições do Ensino Superior é de educar, formar e realizar pesquisas e, de forma particular, contribuir para o desenvolvimento sustentável e o melhoramento da sociedade como um todo. Espera-se promover, gerar e difundir conhecimento por meio da pesquisa e, como parte de sua atividade de extensão à comunidade, oferecer assessorias relevantes para ajudar as sociedades em seu desenvolvimento cultural, social e econômico, promovendo e desenvolvendo a pesquisa científica e tecnológica, assim como os estudos acadêmicos nas ciências sociais e humanas e a atividade curativa nas artes.

A relevância da educação superior deve ser avaliada em termos do ajuste entre o que a sociedade espera das instituições e o que elas realizam. Isso requer padrões éticos, imparcialidade política, capacidade crítica e, ao mesmo tempo, articulação melhor com os problemas da sociedade e do mundo do trabalho, com base em orientações, objetivos e necessidades sociais, incluindo o respeito às culturas e à proteção do meio ambiente. A educação superior deve reforçar o seu papel de serviços extensivos à sociedade, especialmente as atividades voltadas para a eliminação da pobreza, intolerância, violência, analfabetismo, fome, deterioração do meio ambiente e enfermidades, principalmente por meio de uma perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar para análise dos problemas e questões levantadas. Finalmente, a educação superior deve almejar a criação de uma nova sociedade não-violenta e não-opressiva, constituindo-se de indivíduos altamente motivados e íntegros, inspirados pelo amor à humanidade e guiados pela sabedoria e o bom senso.